



# A SIGNIFICAÇÃO DO TESAURO NA PESQUISA HISTÓRICA

Francisco Ruas Santos

---

*Transcrição de matéria publicada no Boletim do Centro de Informações Culturais (10/19, de 17 de outubro de 1987), fundado e dirigido pelo autor.*

---

**H**istoriadores não documentalistas costumam perguntar sobre o que para eles pode significar um tesouro.

Vamos tentar dar uma idéia deste, a partir de um conceito paradigmático da Teoria da Informação.\* Dois países A e B estão em guerra. O país A permite que seus prisioneiros do país B mandem mensagens para suas famílias dizendo "estou bem". Já o país B permite que seus prisioneiros do país A enviem uma das três mensagens: "estou bem", "estou um pouco

doente" e "estou gravemente doente". Quando a família de um prisioneiro feito pelo país A dele recebe "estou bem", o significado é "estou vivo" podendo estar um pouco doente ou gravemente doente, não é possível saber. Quando a família de um prisioneiro feito pelo país B dele recebe a mensagem "estou bem", fica informada de que *ele não está um pouco doente, nem gravemente doente*. Logo, o segundo código de comunicação é muito mais significativo do que o primeiro, e aí está o cerne do valor de um tesouro como código

---

\* Isaac Epstein, Teoria da Informação, São Paulo, Editora Ática, 1986.

go para a transmissão de mensagens de interesse da pesquisa histórica.

Suponhamos que uma instituição cultural do Rio Grande do Sul abriu um concurso, objetivando reconstituir o combate de S. Borja, de 1865.

Vão concorrer três pesquisadores, das cidades gaúchas X, Y e Z. Nas bibliotecas públicas de X e Y, há fontes sobre a Guerra do Paraguai ou da Tríplice Aliança, totalizando 62 documentos, em cada uma, os mesmos. Estes, em X, estão todos classificados em Guerra da Tríplice Aliança (termo usado por Guerra do Paraguai). Em Y, 10 documentos estão classificados sob o primeiro termo, 5 em Campanha de Corrientes, 15 em Campanha de Mato Grosso, 25 em Campanha do Paraguai e 7 em Campanha do Rio Grande do Sul, esta enquadrante do combate de S. Borja.

O pesquisador de X, mesmo que nos dois primeiros documentos compulsados encontre o combate de S. Borja, terá que compulsar os demais 60; despendendo 15 minutos em média por documento, foi-lhe necessário gastar 15 horas e meia na pesquisa.

O pesquisador de Y teve de compulsar os 7 documentos sobre a Campanha do Rio Grande do Sul, gastando 1 hora e 45 minutos (15 minutos em média por documento), mesmo que, tal qual no caso anterior, tenha deparado com o combate de S.

Borja nos dois primeiros documentos.

Na biblioteca pública de Z, os sete documentos sobre a Campanha do Rio Grande do Sul estão assim classificados: Combate de S. Borja, 2, Combate do Botuf, 1, e Rendição de Uruguaiana, 4. Logo, podendo ir direto aos dois primeiros, o pesquisador gastou apenas meia hora na pesquisa (15 minutos por documento, em média).

Vejam, então, a grande diferença quanto ao tempo de pesquisa:

|        |       |           |
|--------|-------|-----------|
| Caso X | ..... | 15h 30min |
| Caso Y | ..... | 1h 45 min |
| Caso Z | ..... | 30 min    |

No caso X, mesmo que o pesquisador tenha logo deparado com os dois documentos sobre o Combate de S. Borja, é obrigado a compulsar os demais 60, pois é pobre a linguagem empregada. No caso Y, analogamente, deve o pesquisador compulsar os restantes 5, ainda que os dois primeiros sejam sobre o Combate de S. Borja, mas já com enorme vantagem relativamente ao caso X pois, agora, o tesouro é menos pobre. No caso Z, a pesquisa se esgotará de imediato, dado que o tesouro é rico relativamente aos dois casos X e Y. Nos casos Z e Y, os pesquisadores devem ainda fazer uma "pesquisa de recobrimento", nos 10 documentos genéricos sobre a Guerra da Tríplice Aliança, exclusivamente, pois podem mencionar o Combate de S. Borja, gastando 2h

30min cada, ficando os tempos totais assim: de Z, 3h; de Y, 4h 15min, muitíssimo inferiores ainda ao tempo gasto no caso X (15h 30min).

Admitimos que as linguagens de indexação e recuperação da informação sob a forma de tesouro (parte apenas) assim se apresentam:

Caso X

Guerra da Tríplice Aliança UP  
Guerra do Paraguai

Caso Y

Guerra da Tríplice Aliança UP  
Guerra do Paraguai

Termos Subordinados:

- Campanha de Corrientes
- Campanha de Mato Grosso
- Campanha do Paraguai
- Campanha do Rio Grande do Sul

Caso Z

Além dessa área conceitual do caso Y.

Campanha do Rio Grande do Sul

Termos Subordinados:

- Combate de S. Borja
- Combate do Botuf
- Rendição de Uruguaiana

*Logo, quanto mais abrangente for o tesouro, mais depressa são recuperadas as informações a que eles se referem.* Eis por que tesouros abrangentes são uma das armas a empregar para se vencer a batalha da informação.

Outra conclusão: impõe-se construir um Tesouro de História

do Brasil. A quem deve caber essa tarefa? De acordo com o que ensinam os mestres no assunto tesouro, aos especialistas em História do Brasil, ainda que representados apenas por suas obras. A equipe de construção desse tesouro deve ser de historiadores, já treinados nessa construção, e, de preferência, utilizando o computador. Onde? no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, conforme já se propôs.

Havendo ou não tesouro, interessa ao pesquisador ir logo às fontes de que necessita. Por isso, a classificação ou catalogação destas deve, não só permitir-lhes prontamente *revocá-las* ou tê-las nas mãos, mas saber, através da sua *indexação*, se têm ou não as *informações necessárias*. Eis tarefas compreendidas naquilo que podemos denominar *pesquisa básica*, na qual devem ser empregadas equipes qualificadas e numerosas, *interdisciplinares*, conforme recomendou o Congresso Brasileiro de Biblioteconomia e Documentação, de 1979. Se assim não for feito, os historiadores continuarão a fazer "pesquisa vazia", tal como no caso das 15 horas inteiramente perdidas em X, contra apenas a meia hora necessária no caso Z, em que se dispôs de um tesouro mais abrangente. Eis a realidade para a qual pedimos a atenção dos triunfalistas.

Neste Centro, os interessados poderão conhecer muitos tesouros.



*Cel Inf R/1 FRANCISCO RUAS SANTOS – É possuidor de todos os cursos do Exército, além do Curso Avançado de Infantaria, realizado em Fort Benning, EUA, e da Escola Superior de Guerra, Rio de Janeiro. Presidiu a Comissão de História do Exército Brasileiro, do Estado-Maior do Exército, responsável pela edição Histórica do Exército Brasileiro (1972). Nessa função, idealizou o Centro de Documentação do Exército em 1973. Fundou e dirige o Centro de Informações Culturais, do Rio de Janeiro. Desde 1974 dedica-se ao estudo dos sistemas de informações, tendo publicado o Thesaurus do Sistema de Informações de Transportes (1976-1977) e Informação e Indexação.*